

IDENTIDADE NACIONAL NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA, BOVARISMO E VIRA-LATISMO

Camila David Dalvi (IFES)¹

Resumo: Este artigo traça paralelos entre minha pesquisa de doutorado (2016), *Apropriações do bovarismo pela crítica acadêmica brasileira*, em sua parte final – sobre a identidade nacional brasileira e sua relação com povos de outros países outrora colonizados –, e a leitura das obras *A elite do atraso*, de Jessé Souza, e *Bovarismo Nacional*, de Maria Rita Kehl. O termo bovarismo, cunhado a partir da obra flaubertiana *Madame Bovary*, alçou longa trajetória que compreende ser apropriado por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, texto criticado em Jessé Souza. Termos ligados ao que se denomina constituição da identidade nacional são passíveis de re-leituras para novas maneiras de compreendê-los.

Palavras-chave: Bovarismo; Identidade Nacional; América Latina.

Desde os primeiros contatos curiosos com o termo “bovarismo”, notei que havia nele motivos de diversos fascínios pelas controvérsias que cada vez sempre mais evocava/evoca: cunhado a partir do clássico literário oitocentista francês *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, associa-se à complexa riqueza da personagem, criada a duras penas no entroncamento entre as propostas estéticas romântica e realista. Estava a obra no seio de problemáticas advindas com a Modernidade, o que, depois de mais tempo de estrada nessas pesquisas, fez-me notar a configuração rica, plural da personagem, do autor e, claro, da “filosofia” – desde sempre definida com percursos de raciocínio questionáveis, tortuosos, inconstantes nos campos da filosofia, da psiquiatria, da sociologia, da história etc. Cabe situar que a proposição de um discurso filosófico (inicialmente relativo à psicologia/psiquiatria e posteriormente a um sistema filosófico) em torno do conceito se deu com Jules de Gaultier em algumas obras publicadas no fim do século XIX e início do século XX, época em que se deu a publicação da obra mais central do autor: *Le Bovarisme* (1902).

Essas múltiplas abordagens advindas desde o século XIX até os dias atuais fizeram Carvalho, em sua pesquisa sobre o conceito, parte de sua tese de doutorado, afirmar que “A errática história do bovarismo deixa ver a submissão às ‘regras sucessivas de uso’ empregadas no curso os anos, as quais transformaram a fórmula criada por Gaultier em um significante desafiadoramente lábil” (CARVALHO, 2014, p.43). Não se pode desconsiderar que, nos diversos contextos em que é discutido, o

¹ Graduada, mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Contato: camiladalvi@gmail.com.

conceito guarda muitos diálogos com mentalidades e preceitos morais, sociais etc. fortes no século XIX. Nas pesquisas que desenvolvi, notei que, na maioria das vezes em que era citado, o “bovarismo” carregava em si uma carga de juízo de valor, negativa (em sua maioria) ou positiva. Aquela, em geral, relaciona-se à inabilidade, vista como ruim, de adaptação a algum tipo de norma social ou de aceitação sua condição pelo desejo de ser mais ou ir além do que se pode; esta aponta para uma postura questionadora que aventa uma nova forma de ver o mundo e as condutas. Maria Rita Kehl, uma das grandes referências de meus estudos, parece assumir (ao menos no que concerne à temática em sua interface com a identidade nacional) sempre que a postura bovárica é imitativa – e, portanto, não criativa ou genuína – o que a faz vislumbrar algumas fugas disso. Tais fugas, em sua última obra publicada, a ser mais comentada à frente, são chamadas por ela de “dispositivos anti-bovários”.

Na ocasião de minha pesquisa de doutorado, examinando centenas de ocorrências do termo entre pesquisadores brasileiros em suas dissertações e teses, bem como entre outros textos críticos, teóricos e, mesmo, de blogs, revistas e jornais, pude, com alguma dificuldade, delinear três troncos significativos básicos para bovarismo. O primeiro é relativo às temáticas voltadas para a psicologia, a Modernidade e a histericização feminina decorrente desse contexto. O segundo aclimata-se na contemporaneidade, observando maneiras diferentes de conceber a postura leitora (tanto a feminina quanto a masculina) e sua relação com a cultura de massa², assunto, na verdade, comum desde a época das publicações de folhetins românticos – porém, no século XIX, costumava-se julgar uma leitura como Emma. Já o terceiro, emancipado em relação à crítica francesa, associa-se a construção/instituição/análise da Identidade Nacional Brasileira.

Neste último, a que vou me deter, encontramos algumas informações sobre o nosso país e sobre a forma como ele é pensado e (re)escrito pelos seus intelectuais. Desde quando surgiu – nos textos de Gaultier, significando “a faculdade conferida ao homem de conceber-se outro que não é” – o conceito expande-se e estilhaça-se. Para tratar do Brasil, de brasileiros (indivíduos ou como sociedade que partilha a nação) ou

² Um pouco sobre as relações entre bovarismo, leitura, cultura de massas e temas ligados ao feminino, pode ser lido meu artigo também publicado pela ABRALIC, no ano de 2013, intitulado “Bovarismo em leitoras e leituras contemporâneas”, disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/resumo.php?idtrabalho=765>.

mesmo de outros povos colonizados (no México, na Argentina e mesmo no Haiti etc.), o termo apresentou muitas nuances, equiparando-se a termos/ideias, pinçados do vasto *corpus* analisado em minha tese, como: artificialismo, cópia, imitação, importação, encantamento por países e costumes estrangeiros, desejo de distinção, distância da realidade, província afetada, mal das elites etc. Todas essas denominações mostram o “ridículo” – identificado a partir de uma conduta criada e aceita para o que seria “não ridículo” – contido na postura bovárica, à semelhança do ridículo de Emma, de Homais, de Frédéric Moreau ou mesmo de Policarpo Quaresma. Reside nessas denominações a intuição de que bovarismo, à semelhança de vira-latismo, representa a vontade de sentir-se superior ao outro que é próximo – seja ela do ponto de vista individual, de nação ou outra categoria – por conta de uma identificação, muitas vezes tortuosa, com elementos e influências tomadas como melhores e dos quais se crê poder fazer parte. Ou seja, se falamos de países e continentes e não de indivíduos, notaremos que países de primeiro mundo (França e Inglaterra no oitocentos ou mesmo os Estados Unidos atualmente) são “melhores” por sua modernização, distinção, cultura e riqueza, o que faz com que brasileiros bováricos busquem acesso a essas características por aproximação a esses países e rebaixamento ou negação do que representa o Brasil (ou mesmo países mais “iguais”, como os latino-americanos). Seguindo-se a mesma lógica, províncias de qualquer país podem apresentar indivíduos ou grupos sujeitos a esse mesmo mal: os centros urbanos estariam à frente, modernizados, sendo eles o foco da identificação. É claro que dizer que um país mais “civilizado” ou mais “rico” também é um discurso resultado de criações sociais, políticas, de imagens sobrepostas ao longo dos anos e que vão convencendo (ou ao menos tentando) o mundo de que são verdade.

Diante disso, a certa altura, entendeu-se o bovarismo (e conseqüentemente o vira-latismo) como um “mal de elites”, já que, para almejar ter uma “postura francesa”, ao menos no século XIX, era preciso conhecer (ou julgar conhecer), ainda que por imagens construídas pelas noções dispersas na cultura de massa, a França e o que ela representava. No entanto, nos dias atuais, com a cultura de massas – que serve a produção de imagens, noções e discursos que alcançam as pessoas – mais rapidamente difundida, não se pode restringir essa postura nem a crença em noções e imagens a elites (ou àqueles que se creem da elite) apenas. Ou seja, cabe perguntar, portanto, como

alguns críticos já notaram: estamos, todos nós, sujeitos ao bovarismo³? Se pensarmos no contexto brasileiro, podemos avançar, problematizando junto com Roberto Schwarz, em suas observações acerca dos lugares que cada país assumiu para a ordem mundial: “Por que dizer que o anterior prima sobre o posterior, o modelo sobre a imitação, o central sobre o periférico, a infraestrutura econômica sobre a vida cultural [...]?” (2014, p.88).

Sabe-se que, de elite ou não, muito da postura bovária como é entendida no Brasil, relaciona-se à necessidade de apartar-se das classes mais pobres a qualquer custo – distinguir-se, limpar, higienizar e outras atitudes fazem parte desse processo. Valem vários artifícios, dos mais frágeis aos mais articulados, para distinguir-se da pobreza, da miséria, da marginalidade. E para as “elites divorciadas do país” (ARANTES apud Oliveira, 2012) era (e ainda parece ser) necessário apartar-se dos pobres e controlá-los de maneiras diferentes, inclusive com autoritarismo e violência. Para Schwarz, as ideologias vindas de influências de outros países, relativas à instituição do capitalismo comercial e de pensamentos liberais, no Brasil são compreendidas de maneira tão diversa que chegava a ser original. Ainda assentada sobre a escravidão, a sociedade brasileira mediava a sua estruturação socioeconômica conservadora e escravocrata (outrora aceita e disseminada por países “centrais”) com os imperativos de se declarar a “modernização”, a nova necessidade do momento, que preconizava trabalho livre e exploração do trabalhador livre. Assim, tais ideologias mais recentes passam a significar, aqui, mais um “ornato” ou mesmo “marca de fidalguia” de quem a elas tinha acesso. A escravidão era a barbárie; as ideologias burguesas era o discurso elegante, sedutor. Questionando essa dicotomia e posicionando o Brasil na ordem mundial de um sistema injusto, Schwarz afirma: “o discurso brasileiro era oco por sua incoerência; porém, se usados ‘propriamente’, os moldes do sistema capitalista burguês eram igualmente ocos. O Brasil situa-se em uma espécie de ‘oco dentro do oco’” (SCHWARZ, 2014, p.55). Para continuar usando palavras do estudioso, o Brasil

³ Essa pergunta também é feita por Maria Rita Kehl em sua obra comentada aqui, porém os caminhos tomados para tal são outros. Com base em uma discussão no campo da psicanálise, observando escritores como Lacan, em textos e definições acerca da paranoia, de normalidade e de anormalidade, Kehl afirma que o ser não bovarista tal como proposto pela máxima de Gaultier seria aquele “que deva ser capaz de conceber-se *idêntico a si mesmo*” (2018, p. 21, grifos da autora); porém, a própria discussão em torno do que seria o sujeito, desde Freud, afirma que sua caracterização é justamente “a falta”; a cisão, ou seja: ser *não idêntico*. A partir daí, vale o questionamento (que, tortuosamente e de outras maneiras, acaba sendo sinalizado por Gaultier): todos seriam, portanto, bováricos?

vivia em constante “torcicolo cultural”, por sua impossibilidade de ignorar e ao mesmo tempo de vivenciar as novas ideias europeias.

Flávio Aguiar, em artigo para a revista Carta Maior, afirma: “A ‘tara secular de subserviência política e de imitação cultural’ mantém, dentro do país, os privilégios da elite e uma ‘arrogância ao cenário interno’”. Isso porque, obedecendo aos ditames do capital internacional e sem interesse de desafiar o imperialismo, as elites “exigem a subserviência das demais classes”. Trata-se, segundo Aguiar, de um comportamento das elites latino-americanas como um todo. Resulta dele uma “preguiça de fazer história” e um abandonar-se aos domínios e imperativos do capitalismo. Isso também foi chamado de bovarismo, complexo de Pinóquio ou mesmo de espírito litorâneo. Para Milliet Filho, é nessa crença de conseguir separar o povo como forma de “embelezar” e elitizar o Brasil – passos tidos cruciais à modernização – que reside o clima de bovarismo. Ser moderno, metropolitano e novidade: era essa a imagem que se pretendia dar ao Brasil. Isso, certamente, configuraria alto custo para maquiagem a realidade do país. Diante dessas reflexões, sobretudo algumas feitas sobre *Raízes do Brasil*, Carvalho afirma: “[...] os efeitos do bovarismo [...] foram suficientes para a conservação da ideia de que o país não pode crescer pelas suas próprias forças naturais: deve formar-se de fora para dentro, deve merecer a aprovação dos outros” (CARVALHO, 2014, p. 51).

Sobre modernização e vira-latismo, Jessé Souza, em sua obra *A elite de atraso* (2017), refaz alguns caminhos críticos em relação à identidade nacional brasileira. O sociólogo acredita que, de fato, as elites do país, historicamente ligadas à escravidão ou à manutenção de seus efeitos trágicos, são vira-latas por se apoiarem em discursos, mais ou menos elaborados, que menosprezam, rebaixam os brasileiros por suas características – que por vezes parecem congênicas e/ou herdadas dos portugueses – tidas como negativas se comparadas com a “personalidade” de outros povos, como é o caso, no contexto atual, do povo estadunidense. Modelo de modernização (e parece ser este o grande imperativo mundial cobrado a todos), os Estados Unidos incutiram, por meio de muitas estratégias, na mente de brasileiros (e de outros povos também), que o comportamento ideal dos povos modernos é que sejam “objetivos, pragmáticos, antitradicionais, universalistas e produtivos” (SOUZA, 2017, p. 27). Essa é a autoimagem construída por e para os estadunidenses, enquanto que a feita para os brasileiros é de serem um povo “pré-moderno, tradicional, particularista, afetivo e (...)

com tendência irresistível à desonestidade” (p.27). A essa diferenciação Jessé Souza nomeia racismo multiculturalista. A imagem, ainda na ideia de Souza, é criada no seio do próprio país, por intelectuais (tanto à esquerda quando à direita, como Faoro, Freyre, Holanda etc.) reconhecidos que, ao “fundarem” a identidade nacional (como se fosse possível um povo ter características individuais ou personalidade), traçaram aspectos posteriormente apropriados, distorcidos e repetidos pela mídia.

Esse processo se dá pelo interesse dominante do império norte-americano, que se infiltra na vida, na educação sentimental, nas universidades, nas instituições etc. O interesse é a manutenção do domínio e da exploração, o que é apoiado pelas elites brasileiras, deslocadas do próprio país e ansiosas por distinguirem-se do povo – seres que são “sub-humanos em relação aos quais todas as classes podem se diferenciar positivamente” (p.102). Jessé aponta muitas falácias nas quais acreditamos nós brasileiros até hoje, ainda que tenhamos um pensamento mais crítico. Para ele, a classe média, manobrada pelas elites e por muitos mecanismos de dominação e ideologização, são parte fundamental nos processos de distorção de ideias que leva a crer que o brasileiro não é capaz de criar, de se gerir, de organizar o Estado, de ser moderno ou mesmo de administrar suas grandes empresas e seus preciosos recursos (como o pré-sal). A ideia da corrupção, que residiria apenas/sobretudo no Estado patrimonial, herdado de nosso colonizador, convence e se torna o alvo da crítica indiscutivelmente seletiva. Chega-se à máxima: a política não é para todos, não se discute e não vale à pena. Fazer crer em desonestidade brasileira, patrimonialismo, corrupção do Estado e “jeitinho brasileiro” foi a grande estratégia que apaga ou esconde os efeitos do grande constituinte da sociedade brasileira, a escravidão, e permite que os reais (ou os mais) exploradores e corruptos mantenham-se longe do olhar e das críticas da maioria do povo. Nas palavras do sociólogo:

O conceito fajuto de “jeitinho” esconde o trabalho de dominação de alguns sobre outros ao pressupor que todos o usam, criando generalizações absurdas do viralatismo, e esconde ainda de lambuja toda a raiz de todas as desigualdades advindas, na verdade, do acesso desigual aos capitais econômico e cultural (...) (SOUZA, 2017, p. 93)

Maria Rita Kehl, psicanalista que analisa com propriedade vários aspectos da modernidade e do bovarismo, utiliza o termo advindo de Schwarz, “amesquinamento”, para referir-se ao mesmo ponto que Jessé denuncia: “mesquinhez inevitável dos que se

colocam, diante do outro, com o cabo do chicote na mão, sem questionar se o uso do instrumento não deveria ser evitado” (2018, p. 44). Em sua recente obra *Bovarismo Brasileiro*, que reúne textos escritos ao longo de sua jornada, Kehl apresenta várias análises, definições do que seria o bovarismo brasileiro. As interpretações, a cada caso, são, sem o prejuízo do valor e da argúcia dos textos, numerosas e bebem aqui e acolá. Para ela, o bovarismo nos países periféricos – e aqui significaria o desejo de identificação com outras referências ou mesmo o desejo de não ser/parecer periférico – não conduz à modernização. Pelo contrário: ele nubla os caminhos emancipatórios próprios. Kehl, porém, não abandona os termos duramente criticados por Jessé e os utiliza quando convém: “jeitinho” e “cordialidade”, ainda que não definidos ou centrais nas argumentações, são lembrados e reafirmados em paralelo com as questões mais graves, como o caso da escravidão e da dominação de mais fortes sobre mais fracos. A pesquisadora discute em vários momentos o surgimento e/ou a necessidade de criação de dispositivos anti-bovaristas no país. O samba e o movimento *manguebeat*, segundo a psicanalista, são manifestações de alguns deles, que nasceram no povo, cheios de influências e misturas, com um resultado genuíno, portanto. Além disso, Kehl propõe que a psicanálise possa ser um dos dispositivos anti-bovaristas por sua capacidade transformadora e mesmo sua possível relação com a militância.

O conceito de bovarismo surge também com significações similares às já mencionadas aqui em textos de pensadores de outros países latino-americanos, já que, para Octavio Ianni, “[...] a América Latina parece [...] desenhada na história e geografia. Foi inventada pelo mercantilismo, modificada pelo colonialismo, transformada pelo imperialismo e transfigurada pelo globalismo” (2013, p. 3). É nesse contexto e com o bovarismo das elites que se compreendem as constantes tensões existentes nos países latino-americanos, por exemplo: revoluções socialistas, movimentos ditatoriais, golpes militares ou jurídicos e outras agitações. Frente à necessidade de despir-se da condição subalterna, grupos movimentam revoluções que são combatidas por setores (grupos empresariais, elites, redes de comunicação) comprometidos com a manutenção do *status quo* (estrutura tida/forjada como “normal” diante do “caos” interno).

A ideia de que o “bovarismo” se resume a comportamento de cópia reside em muitos textos, porém, em alguns momentos, essa leitura do conceito – própria à nossa comunidade interpretativa brasileira – aponta para sua contraparte: uma leitura nunca

ingênua (porque assim seria impossível a nós) e muito heterogênea que leva aos questionamentos necessários a uma emancipação. Ao estudar o bovarismo no contexto de análise dos efeitos da leitura em seus leitores, entendemos duas maneiras de caracterizá-lo: 1) a maneira delirante de confundir ficção com realidade; 2) a maneira inovadora, diferente e criativa de lidar com os textos. Da mesma maneira, poderemos, como proporia Kehl, buscar dispositivos anti-bováricos que, na verdade, residem paradoxalmente na própria condição bovárica em sua particularidade com o ato de ler. Nesse sentido, o bovarismo desajustado de nações outrora colonizadas poderia significar o maldoso comportamento apartador da elite ao mesmo tempo em que sinalizaria uma nova maneira de ver as coisas nesses países. É possível, então, que dominados possam fazer leituras (de textos literários ou não; de conjunturas, de contextos) e práticas subversivas, descentradas, dispersas. Isso não seria mais, dentro de uma maneira diferente de ver as coisas (que busque diminuir as balizas de outros países ou preceitos morais ultrapassados, conservadores e dicotômicos), um problema. O afeto, a confusão, a rasura, a criação, a inventividade, o desajuste, o engano, a preguiça; ou seja, os abalos das relações modelo/cópia, são, portanto, potentes.

Silviano Santiago, Octávio Ianni, Ricardo Piglia e Jorge Luís Borges criam em alguns de seus textos figurações de leitor ou representações da ficção que mostram inquietações relativas a (in)autenticidade e embaralhamentos entre ficção e realidade, próprios ao contexto de “transculturação” (IANNI, 2013) ou de “heterogeneidade” (SANTIAGO, 2000). Para Ianni esses países colonizados formam um “ente simultaneamente real, rebelde e fugaz, sempre transbordando deste ou daquele nome” (IANNI, 2013, p. 6), porque configuram um “laboratório complexo, heterogêneo, contraditório, simultaneamente polifonia e cacofonia” (IANNI, 2013, p. 4). Em Santiago, intelectual que se dedicou a descrever o entrelugar do discurso latino-americano, vemos que “[...] as leituras do escritor latino-americano não são nunca inocentes. Não poderiam nunca sê-lo” (SANTIAGO, 2000, p. 22). Isso se confirma, por exemplo, na ficção de Borges em que reiteradamente o leitor surge como quem devora livros, transgride, confunde. Implicado nessa situação está o contexto de tais leitores e escritores. A leitura (ou a questão da leitura, já que isso não se resume apenas ao contato do indivíduo com um texto verbal, mas a um contato com discursos ou com leituras de mundo), nesse sentido, destrói sistematicamente ideias de pureza, unidade, modelo,

original. A invasão do estrangeiro, inevitável, segundo Santiago, pode ser recebida com mais agressividade, com falsa obediência.

Quanto ao caso de leitura literária (onde, inclusive, iniciou parte da discussão, com Emma Bovary, “desajustada” em relação ao mundo e a sua forma de ler), podemos entendê-la como possibilidade de novos pactos se se propõe e compreender seus mecanismos. Ela, a leitura de literatura, é, portanto, celebrada, como ocorre em muitos críticos contemporâneos, entre os quais se sobressai Ricardo Piglia. Ler, em busca de um processo de identificação, caso entendidas algumas das regras do jogo, não deixa de apontar para uma possibilidade de inserção, emancipação, movimento. Caso compreendamos assim, escrever representa ainda mais essa empreitada de confundir sistemas, abalar paradigmas. Ler e escrever literatura em todas as suas potências (e, mesmo, ditos perigos) permite expressão, identificação, indignação, produção de sentidos. Ainda que temeroso, o ato de se questionar e se expor escancara certos descréditos de normas caducas, práticas que já não cabem (e talvez nunca tenham cabido), opressões institucionais e de sistemas que marginalizam. O conceito de bovarismo, (re)visto, (re)transformado, à maneira sul-americana, desarma armadilhas ideológicas de que outrora fizera parte e cria potência em ressignificar sua relação com a leitura, a escrita e a ficção. Pode, assim, afinar-se a concepções emancipadoras. Ainda que, diriam alguns, seja um termo vindo de obra e escritores europeus, aqui transfigurado (e, sim, podemos beber em várias fontes), adquire muitas compreensões palatáveis e saborosas. Ao menos ao nosso gosto. Espera-se que, cada vez mais, bovárismo como característica negativa esteja associado àqueles que fazem perdurar exclusões, segregações, explorações, desigualdades e xenofobias. Em igual medida, quer-se que aqueles que, mesmo (aparentando) loucos, desajustados, enlouquecem e perturbam o sistema sejam sempre mais emancipadores. E muitos.

Referências

AGUIAR, F. *Elites da América Latina têm complexo de Pinóquio*. Carta Maior, 24 out. 2003. Disponível em: <[http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Sem-- editoria/Elites--da--America--Latina--tem--complexo--de--Pinoquio/27/960](http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Sem--editoria/Elites--da--America--Latina--tem--complexo--de--Pinoquio/27/960)>. Acesso em: 18 jul. 2015.

BORGES, J. L. *Ficções*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

CARVALHO, M. E. M. de. *Bovarismo, epifania e bêtise: exercício de metacrítica flaubertiana*. 2014. 166 fls. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, UFMG, Belo Horizonte,

DALVI, C. D. *Apropriações do bovarismo pela crítica acadêmica brasileira*. 240 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UFES, Espírito Santo, 2016.

_____. “Bovarismo em leitores e leituras contemporâneas”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 13., 2013, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2013. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/resumo.php?idtrabalho=765>>. Acesso em: 04 dez. de 2015.

GAULTIER, J. de. *Le bovarysme: la psychologie dans l'œuvre de Flaubert*. Paris: Éditions du Sandre, 2007.

IANNI, Os. *Enigmas do pensamento latino-americano*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/iannienigmas.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

KEHL, M. R. *Bovarismo brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MILLIET FILHO, R. *Cenários e personagens de uma arte popular: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil*. 2009. 443 fls. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, USP, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, F. V. de. *Fantasmas da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. 2012. 224 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, São Paulo, 2012.

PIGLIA, R. *O último leitor*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTIAGO, S. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2012
_____. *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUZA, J. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.